O FORMIGUEIRO

JORNAL PARA TODOS

PROPRIETARIO E DIRECTOR—ANTONIO XAVIER DA CUNHA

Off. de 2.ª L. de F. à Dr. Mª Damas — 2-V-1923.

=1882= 3 ANNO	ASSIGNATURA (PAGA ADIANTADA) Anno ou 48 numeros, 600; semestre 300; Para fora augmenta a estampilha.	PUBLICA-SE ÁS 2.as-FEIRAS — 2.ª-FEIRA 16 DE JANEIRO	ESCRIPTORIO Rua de S. Damaso	N. 104

GUIMARÃES, 23 DE JANEIRO

O ESPANCAMENTO

E' dever nosso não largar mão do assumpto. Impelle-nos a nossa consciencia e obriga-nos a nossa missão na imprensa. O jornalista é um advogado do povo, uma sentinella em continua vigilancia dos seus direitos e dos seus interesses.

Será intrometter-se em negocios particulares, como costumam dizer as pessoas a quem não conveem os arrazoados da imprensa; será entrar em assumptos d'outrem; será até perseguir os nossos irmãos, o nosso semelhante, mas o jornalista deve-o fazer e fal-o por obrigação e não por odio ou vingança. Que nos importa a nós que os policias a que nos referimos tenham de ficar sem o seu salario quotidiano se elles incorreram na maior das culpas, espancando um homem inoffensivo e em occasião em que não podia defender-se? Nada. Que soffram o castigo de que são merecedores, succeda o que succeder, é o que nós não podemos deixar de exigir, porque um homem do povo foi offendido e esse não anda a matar-se para um dia ir levar ao thesouro a sua collecta que serve para lhe pagar a elles.

As primeiras testemunhas, cedendo decerto a pedidos, pouco ou nada disseram quando foram inqueridas, e não admira nada porque os espancadores revolveram a cidade toda para conseguir abafar o auto e calar o queixoso. Empenhou-se n'isso pessoa de brazão, supposto que nada conseguisse, porque o excm.º dr. delegado da comarca é um funccionario como todos os ministradores de justiça deveriam ser=invulneravel= e ninguem se atreve a dar um passo quando conste que a participação já está em seu poder, tal é a certesa que ha de não ser attendido.

Os maus teem sempre quem os proteja, razão porque ha tantos. Se fossemos todos coherentes com os principios de justiça e humanidade, bastaria olhar para o estado do offendido, que não haveria quem pronunciasse uma palavra a favor dos culpados.

Veremos agora o que succede com o novo auto que lhe promove o ministerio publico á face da participação do seu delegado em Guimarães. Na occasião em que escrevemos consta sómente que as testemunhas depozeram e nada mais. Indagaremos porém.

As authoridades administrativa e judicial é que não devem deixar de ser minuciosas para conseguir a luz de que carecem, porque o delicto é grande e não póde ficar impune. Se os malfeitores não forem castigados, o precedente fica aberto, e não admirará que dentro em pouco ahi se saiba de nova proeza, porque o instincto d'esses homens é mau e se não fôr refreado as consequencias hão-de ser dolorosas.

Sabemos por informação de pessoa muito authorisada que um policia (o n.º 15, salvo o erro) presenciou a barbaridade e disse algures que nem os selvagens tratavam ninguem assim. Este policia, porém, ou foi retirado do auto como testemunha, ou foi incluido n'elle como réu, com o fim de o fazer emudecer para salvar os collegas, salvando-se a si de uma culpa que de facto não tem.

Tranquibernia que a justiça deve desfazer, pois que é ella a denuncia do crime.

Este jornal é do povo, porque é—*para todos*— e tendo sido offendido um seu constituinte, nós não podemos deixar de reclamar justiça.

Castigue-se quem mereça o castigo, seja ou não policia.

---

2 **FOLHETIM**

CASOS

(Continuado do n.º 103)

A mulher de Joaquim de Sousa, uma senhora de admiraveis virtudes, fôra sempre a companheira carinhosa e amante, que enflorára os dias da existencia do marido, com as rosas formosas da sua bella alma adornada com todos os dotes bons; fôra a companheira que luctára ao lado d'elle com a desgraça, tendo sempre um sorriso de bondade nos labios, contente por partilhar da mesma sorte, cheia de dedicação, de coragem, de esforço, animosa, prompta a curar todas as feridas com o balsamo consolador da sua alma plena de ternura.

Anna Rosa fôra a mais completa realisação da mulher na sua missão de esposa. Espalhara em profusão a cornucopia de beus do seu coração, com prodigalidade de quem não receia exhaurir o cofre precioso que Deus havia encerrado n'ella, a riquesa maior, a mais bella que ha no mundo, porque é duravel como a naturesa, indestructivel como tudo que sahiu das mãos do Creador. Havia na sua alma uns canticos sublimes de amor e poesia pelo esposo. Em tudo que fazia denotava-se um grande amor e abnegação. A alma d'ella entoava um hymno sacrosanto de sentimentos. Era uma fonte perenne de bens.

Joaquim de Sousa, recompensava tambem essa extrema affeição, estimando-a sensatamente, adsrnando-a com uma especie de culto fanatico e religioso. Era um idilyo esse casal, um idylio honesto e simples, bom, terno, amoroso. O seu reconhecimento notava-se pelo bem que a tractava e actividade na vida, no negocio, tentando conquistar uma fortuna para o bem d'ella, para o seu bem-estar, para o futuro. Pensava constantemente que se elle faltasse, sem possuir uma fortuna a mulher ficaria na vida com falta de meios, só luctando com o horror da miseria, a pedir uma esmola, envergonhada, e os homens olhando para ella com um desejo lubrico...

Joaquim de Sousa, era um homem que vivia só para si, para sua mulher e para a sua vida. A elle não lhe importava politica, visinhos, passeios, luxos, theatros, bailes, etc.

A sua casa era o seu recreio: a sua politica era a sua mulher; o seu theatro era a sua salla; alli se divertia, alli passeiava, alli ostentava o luxo...

Tinha uma ideia muito ajuisada dos homens=achava que elles apertavam agora as mãos, desfazendo-se em cumprimentos e venias e iam mais adiante dizer mal.

Detestava a hypocrisia e os requebros de salla, que dizem bem o quanto se acham possuidos de desdem os que assim fazem, para agradar, e que ás vezes não conseguem senão ser ridiculos, mostrando na cara o quanto o seu coração tem desejo de occultar, para não serem maus, brutos, indelicados.

(Continua)

ANICETO VIEIRA.

Theatro

Desde a ultima noticia que demos com referencia ao theatro de Gil Vicente teem-se dado alguns espectaculos nos quaes pouco tem havido de notavel e nada relativo ás ultimas occorrencias.

Duas unicas coisas houveram de maior notariedade. Foi a apresentação do *Rasga* e os destemperos inauditos do Jacintho, regente da orchestra. A primeira é d'uma celebridade grande, porque não se póde exigir mais da empresa e dos artistas; a segunda porém, é muito caricata porque o regente atreveu-se a coisas que só em Guimarães se desculpam: reprehender a plateia por uma sua reclamação e cortar um numero de musica importante que nem o maior *pichote* o faria.

Na quinta-feira o povo que tinha recebido o melhor possivel todos os artistas, pedia *bis* a uma canção da Siguidilha. Como porém esta estivesse um pouco rouca, Jacintho levanta-re e diz á plateia que não devia pedir *bis* porque a cantora estava rouca!

No fim de contas ficou provado que o Jacintho tem mais sorte do que abundancia de juiso, porque em outra qualquer parte elle não ficava assim e soffria grande desgosto. Hontem o que fez é intoleravel, porque só um doudo o pratica. Não se pense que não está ao arbitrio d'elle cortar um numero de musica quando entenda que a parte cantante não está no estado de tocar. Sim, senhor, é a elle que lhe compete, mas ha-de prevenir o ensaiador e o actor para que se houver *engasgue* se lhe não vote a culpa. O *fiasco* é da conta do ensaiador, acontecendo assim mas sendo como hontem a culpa é toda sua.

Por fim... o Jacintho merece desculpa, porque tem um genio que se coaduna pouco com certas exigencias: demol-a por esta vez.

. . .

Hontem, em beneficio de Pereira e Custodia, a casa trasbordava de espectadores. Foi a primeira enchente real que o theatro teve depois que soffreu as ultimas obras.

Os beneficiados tiveram «bouquets» e pombas, sendo applaudidos em chamadas especiaes.

A snr.ª Felicidade

A snr.ª Felicidade é uma viuvinha que tem tanto de honesta como de bem criada.

E' uma boa viuva.

Mas no entanto tem um defeito: é atrevida, e parece que gosta em demasia do summo da uva.

Hontem presenciaram algumas pessoas a snr. Felicidade a descompôr e injuriar em pleno arraial um individuo com quem não está em boas relações sem ser d'aquellas que ella costuma entreter ás noites á porta do casebre.

Decerto estava de mau humor, porque se não fosse isso é porque estava embriagada.

Tenha juizo, snr.ª Felicidade. Olhe que algum dia lhe poderá fugir a *felicidade* e ser *infeliz* nos seus atrevimentos. Uma viuva precisa ser muito honesta, muito recatada, muito digna para honrar as cinzas do marido, e não é d'essa fórma que se honra ninguem. Metta-se com a sua vida e deixe a dos mais. A sua decerto lhe dará para se entreter.

Fallecimento

No dia 22 do corrente, falleceu na sua casa de Caneiros, a excm.ª snr.ª D. Anna do Carmo Barroso, irmã do fallecido barão d'Almargem.

A' familia da illustre finada dirigimos os nossos pezames.

CANTARES

A minha guitarra d'oiro
Era do velho D. João,
Que vivia nas Hespanhas
Em tempos que já lá vão.

Na sua ultima noite,
Ao morrer, disse-me assim:
Quizera deixar-te muito...
Deixo-te o meu bandolim.

Mas vinha desafinado
Que o mestre tanto o tangeu
Que, morto D. João, com elle
Seu bandolim morreu!

Agora em balde o tempéro:
Por mais volta que lhe dou,
Nunca mais, por mais que faça,
Ao seu natural tornou.

Era um segredo por certo
Que morreu com D. João,
Que grande mestre, que elle era!
Ai tempos que já lá vão!

SIMÕES DIAS.

Additamento

Em additamento ao nosso artigo com a epigraphe—Espancamento— sabemos que as testemunhas (segundas) pouco ou nada disseram tambem supposto que algumas d'ellas nos tivessem informado do facto.

De fórma, que devido a ellas a policia póde continuar a espancar o cidadão á sua vontade, que não soffrerá castigo nenhum. Esperemos porém. Confiemos na rectidão e zelo do excm.º snr. doutor delegado que só esse poderá fazer com que se descubra a maroteira e se arranque a verdade das trevas em que está envolvida para se poder punir os culpados. Esperemos. O n.º 15 é um grande auxiliar, porque é a pessoa mais competente para dizer a verdade, assim como os individuos de Villa Nova.

Aos nossos assignantes

Devido a um grande desgosto que soffremos esta semana, fomos obrigados a deixar a publicação do jornal para hoje, pelo que pedimos desculpa.

A todos os nossos amigos que nos coadjuvaram e confortaram, o nosso agradecimento.

Bailes de mascaras

Temos este anno bailes de mascaras nos dois theatros d'esta cidade. E' pronuncio de affluencia tanto a um como a outro e bom será isso a vêr se o Carnaval d'este anno não será tão monotono como o dos ultimos annos.

Parece que os classicos ensaios principiam á manhã no theatro de D. Affonso e quinta-feira no de Gil Vicente.

N'um hotel

Freguez—Faça favor de me dizer: os retratistas estão cá?

Criado—Estão, sim senhor, estão na sala lá em cima, mas sahiram para fóra!

Alta novidade!

Uma novidade muito alta que cahiu muito baixo, foi a dos retratos tirados a vapor. Em 5 minutos photographava-se uma pessoa e dando 200 reis trazia nada menos de 9 retratos!

Era uma pecincha, se fosse; mas não foi porque os retratistas levantaram vôo em consequencia de não poderem aturar a *affluencia* de povo. Agora ha só... os commentarios da burla.

VARIEDADES

JOÃO GRANDE E JOÃO PEQUENO

(CONTINUADO DO N.º 103)

A mulher no entretanto tractava de guardar no forno os bellos pratinhos que tinha cosinhado, o bolo tostado e loiro, e a garrafa de vinho.

Que desgraça a minha! dizia n'este

entretanto o João Pequeno empoleirado no alto do telheiro de colmo.

Quem é que fallou ahi de cima? perguntou o lavrador muito admirado de ouvir aquella voz.

—Sou eu, senhor lavrador, um triste forasteiro que fui pedir pousada a sua casa, onde lh'a não quizeram dar. Se me dá licença fico de noite em cima d'este celleiro, não é muito commodo, mas sempre é mais macio que as pedras da rua.

Nada não quero, voltou o bom do lavrador, desce para baixo. Terás cama e ceia em minha casa.

Entraram ambos.

A creada metteu o amo no coração, fingindo-se muito admirada de o vêr chegar, depois estendeu na mesa uma toalha, e pôz-lhe em cima uma caçarola cheia de sôpa.

Ao lavrador que vinha com fome, sabia perfeitamente o que estava comendo, o João Pequeno tambem não podia dizer que achasse má a sôpa, mas lembrava-se em todo o caso com muita saudade, do succulento assado, do bello peixe cosido, e do apetitoso bolo que ha bem pouco tinha visto esconder dentro do forno.

Tinha elle posto debaixo da banca o sacco com o coiro do cavallo, e para mais cautella poisára-lhe os pés em cima. Com a raiva de não comer aquelles bellos petiscos, teve um movimento de impaciencia, e carregou no sacco com tamanha força, que fez ranger o coiro que havia lá dentro.

—Schiu! Schiu! fez logo o João Pequeno com ar de quem manda callar alguem, mas ao mesmo tempo carregava mais no sacco, para que o ranger do coiro fosse ainda mais ruidoso.

—Ora esta! exclamou o lavrador, que trazes tu ahi dentro d'esse sacco?

—Este sacco tem bruxaria comsigo, respondeu muito lepido o velhaco do João Pequeno. Est'-me dizendo agora na sua lingua, que o que nós deviamos fazer era deixar a sôpa, e comer o assado, o peixe e o bolo que por encanto elle fez agora apparecer, dentro do forno da sua casa.

—Isso é brincadeira tua! disse o lavrador, e para se certificar do caso, abre muito depressa a porta do forno, e fica de bocca aberta diante dos deliciosos manjares que a creada lá tinha escondidos, mas que elle julgou obra de bruxaria.

A creada já se vê, fingiu-se tambem muito espantada e pôz na mesa o assado, o peixe e o bolo com que os dois homens se regalaram.

N'isto João Pequeno, dá nova pancada no sacco que rangeu outra vez do mesmo modo.

—Que está elle a dizer?

—Está-me contando que não quer que nós fiquemos com sêde e que já mandou vir pelo ar tres garrafas de vinho que estão escondidas algures, n'algum escaninho d'este quarto.

O lavrador pôz-se á procura das garrafas, achou-as, mandou-as desrolhar e toca a beber á saude do sacco encantado que matava a fome e a sede com tão boas coisas.

O lavrador á força de beber e de fazer saudes, já estava um tanto alegre, e lembra-se de dizer ao seu hospede:

—O teu sacco será capaz de chamar aqui o cão tinhoso para eu lhe vêr o focinho? Gostava tanto de vêr as caretas do Diabo.

—Oh! decerto que sim. O meu bruxo faz tudo que eu lhe mando. Não é assim? perguntou dando com o pé no sacco. Vês como elle respondeu logo que sim. Mas está tambem a dizer-me que o diabo é tão feio, que quasi que é melhor não o querermos vêr.

Ora adeus! hoje não tenho medo. Com quem se parecerá o tal senhor.

Parece-se com um sachristão.

Ah! respondeu o camponez, então decerto é medonho. Não fazes ideia da raiva que eu tenho aos sachristães. Mas não importa, como sei que não é um sachristão a valer, mas sim o Diabo com a figura d'elle, não hei-de ter grande afflicção.

—Então estás resolvido? Vê lá o que dizes! perguntou João Pequeno. N'esse caso vou consultar o meu bruxo.

Empurrou o saccco e fingiu que estava ouvindo a resposta.

—Então que diz o bruxo?

—Diz que vás abrir aquelle caixote que alli está ao canto; o Diabo está dentro agachado, mas é preciso não levantares muito a tampa e segural-a com força para que o maligno se não safe achando por onde.

Foram á caixa onde o pobre sachristão estava escondido, a tremer como varas verdes. O lavrador levantou a tampa e espreitou com toda a cautella.

—Safa! berrou elle dando um salto para traz. Já posso dizer que vi o Diabo! Sempre é feio, de metter medo. E' o nosso sachristão em pessoa. Ih! que horror!

Para cahir em si do susto que teve o lavrador quiz beber mais uma pinga e como as tres garrafas já estivessem vazias, foi buscar outras á adega; n'uma palavra, já era noite velha, e ainda os dois bebiam e tagarellavam.

—Eu quero que tu me vendas esse bruxo, dizia por fim o camponez. Pede o que quizeres por elle. Olha dou-te um alqueire cheio de corôas de prata.

—Isso é que nem fallar n'isso, respondeu João Pequeno. Pois eu havia de cahir em me desfazer d'este bruxo que faz tudo quanto eu quero!

—Ora vá lá! Faze esse favor. Se tu m'o não vendes crê que fico desesperado.

—Pois não dirás que me déste pousada e que fui ingrato. Vendo-t'o. Mas has-de dar-me um alqueire de corôas bem cheiosinho, a trasbordar ouviste?

—Está dito. Tambem quero que me leves esse caixote, que tenho medo de ficar com elle em casa. Quem sabe se o Diabo ainda lá está mettido!

Concluido que fosse o contracto, João Pequeno quiz logo abalar mesmo no meio da noite, com medo de que o camponio percebesse do logro. Entregou portanto o sacco magico e recebeu um alqueire de corôas e uma carroça pequena para as poder levar consigo. João Pequeno metteu na carroça o seu dinheiro e a caixa com o sachristão e tomou outra vez o caminho de sua casa. A estrada por onde elle tinha de ir era cortada por um rio caudaloso, com a sua competente ponte. Quando João Pequeno ia chegando perto da ponte, eis que se põe a dizer bem em voz alta de modo que o sachristão podesse ouvil-o:

—Ora sempre eu sou muito asno. Levo aqui esta caixa que peza como se tivesse alguma cousa dentro. Nada! Tenho perto o rio, atiro lá com ella.

A perda não é grande e vejo-me livre de um encommodo.

E eil-o a fingir que levanta a caixa como quem vae pol-a sobre o parapeito da ponte e d'alli atiral-o ao rio.

=Pelo amor de Deus, meu senhor! grita-lhe de dentro o sachristão, deixe-me sahir d'aqui não me mate.

=Ai! ai! exclamava João Pequeno como quem está morto de medo. Então! O diabo não ficou ainda cá dentro! Agora é que é já, vou deital-o a affogar!

=Não! pelas cinco chagas de Christo berrava o sachristão com voz de misero favor. Dou-te um alqueire cheio de coroas se me deixas d'aqui sahir.

=Lá isso é outra cantiga, respondeu logo João Pequeno. E muito lepido tratou de abrir a caixa.

(Continua)

D. MARIA AMALIA VAZ DE CARVALHO.

ANNUNCIOS

VENDA DE CASA

VENDE-SE ou aluga-se a casa da rua do Miradouro ao canto da rua da Egreja com quintal e agua de bica.

Para tratar na rua Nova de Santo Antonio n.º 18=Guimarães.

TRIPAS das que fazem lamber o beiço, ás quartas-feiras no Novo Restaurante de José d'Oliveira Rede Junior, no armazem de Villa Pouca.

DESPEDIDA

ANTONIO Monteiro Osorio, das Caldas de Vizella, tendo de retirar-se por algum tempo, para a sua terra natal, e não podendo despedir-se pessoalmente de todos as pessoas da sua amisade, o faz por este meio e pede desculpa d'esta involuntaria falta, offerecendo o seu fraco prestimo em Celorico da Beira.

Antonio Monteiro Osorio

MOUTINHO

LARGO DE S. SEBASTIÃO

Participa ao publico em geral e em particular aos snrs. consumidores, que tem um deposito de tubos de grés de todos os diametros e amostras de azulejos de todas as qualidades e gostos, o que vende pelo preço da fabrica.

MACHINAS DE COSTURA

GRANDE REDUCÇÃO DE PREÇOS EM MACHINAS

Luiz José Gonçalves Bastos, com estabelecimento de fazendas brancas e **UM GRANDE DEPOSITO DE MACHINAS** á rua de S. Damaso, previne o publico em geral que acaba de receber um novo e completo sortido de MACHINAS DE COSTURA, ALTA NOVIDADE, entre as quaes:

Machinas com pedal de pendula e **Machinas com pedaes magicos**—Estas machinas são tão vantajosas para a pessoa que trabalha n'ellas, que todos os medicos as recommendam para cohibirem o cansaço que as outras causavam. Além d'isso o seu aperfeiçoamento é tal que são privilegiadas por todos os governos, o que é decerto uma prova da sua superioridade.

Não se enganem. Estas excellentes machinas só se encontram na rua de S. Damaso. Todas as machinas teem canelieros automaticos, que dão um resultado no ponto incomparavel ao de outra qualquer machina. Esta novidade só se encontra á venda n'este deposito.

Não se illudam com os pomposos annuncios d'outros depositos, porque esses SÓ TEEM MACHINAS DE UMA QUALIDADE, pelo que não podem servir bem os compradores. Aqui ha-as de todos os authores, para se vender á escolha do freguez e se não ter de **impingir gato por lebre.**

As machinas são garantidas. Ensino gratis, em casa dos compradores, como se tem feito sempre. Concertam-se machinas de todo e qualquer systema, por preços baratos.

Já chegou grande sortimento de machinas de **fazer meia.** São tão vantajosas que podem fazer **20 pares por dia!!!**

Os preços de todas as machinas é entre 10$000 reis até 60$000. Tambem n'este estabelecimento se encontra um lindo e variado sortimento de papeis pintados para forrar salas, desde 80 até 1$800 reis. Sortimento de agulhas, retrozes e todos os accessorios para machinas.

MACHINAS DE FAZER MEIA

Venda de vinhos do Douro

QUEM quizer comprar, por junto ou em porções, os vinhos abaixo relacionados e pertencentes a uma casa muito acreditada, dirija-se a Antonio José da Silva Basto, da rua de Santa Luzia, da cidade de Guimarães:

Vinho 1851, 1 pipa
» Roncão de 1870, 2 pipas
» Malvazia de 1872, 1879 e 1880, 3 pipas
» Moscatel de 1872, 1870 e 1880, 4 pipas
» Alvaralhão de 1879, 1 pipa
» Velho, 3 pipas
» Bastardo velho, 2 pipas
» Prova secca, 2 pipas
» Tinto fino, 2 pipas
» Tinto de meza, 5 pipas
» Lagrima, 6 pipas
» de consumo, 15 pipas
» de meza, 22 pipas
» branco, 7 pipas
Geropiga branca, 2 pipas
Aguardente fina, 1 e meia pipa.

Alquilaria lisbonense

Travessa de Donães n.º 15 e 17

ALUGAM-SE diligencias, victorias, caleches e char-a-bancs por preços os mais rasoavel possivel. Com filial em casa da senhora Maria Thereza Cardoso—a viuva Chapelleira—na rua de Camões n.º 22.

Proprietarios,
Antonio José Pereira Lisboa & C.ª

NINGUEM TEM FRIO AOS PÉS

No deposito de calçado á rua de S. Damaso n.º 115, vendem-se chancas para homens e creanças por preços baixos em relação á sua optima qualidade.

Em o mesmo deposito ha bom sortimento de calçado de sola para hômens, senhoras e creanças, que se vende por preços rasoaveis.

DEPOSITO DE CALÇADO

28—RUA DE S. PAIO—30

N'este estabelecimento, ha pouco aberto n'esta rua, encontra-se á venda um bom sortido de calçado para homem, senhora, e criança, tudo por preços excessivamente BARATOS. Calçado para homem a principiar em 1$600 reis; dito de duas sollas, de 2$000 a 3$000 reis.